

11. CREIO EM DEUS

198-213

INTRODUÇÃO

Procure estudar os parágrafos propostos para hoje com as seguintes perguntas: Por que a profissão de fé começa com “Creio em Deus”? Por que professamos um só Deus? Com que nome Deus se revela? Por que é importante a revelação do nome de Deus? O que significa: “só Deus ‘é’?”



TEXTO 198-213

SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ

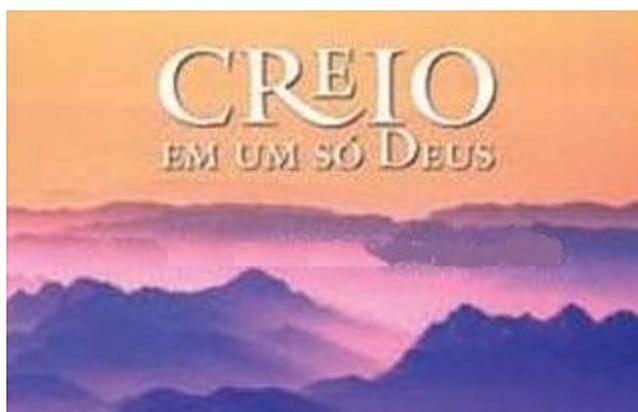
CAPÍTULO I: CREIO EM DEUS PAI

198. A nossa profissão de fé começa por Deus, porque Deus é «o Primeiro e o Último» (Is 44,6), o Princípio e o Fim de tudo. O Credo começa por Deus Pai, porque o Pai é a Primeira Pessoa divina da Santíssima Trindade; o nosso Símbolo começa pela criação do céu e da terra, porque a criação é o princípio e o fundamento de todas as obras de Deus.

ARTIGO 1: *Creio em Deus Pai Todo-Poderoso Criador do céu e da terra*

Parágrafo 1: Creio em Deus

199. «Creio em Deus»: é esta a primeira afirmação da profissão de fé e também a mais fundamental. Todo o Símbolo fala de Deus; ao falar também do homem e do mundo, fá-lo em relação a Deus. Os artigos do Credo dependem todos do primeiro, do mesmo modo que todos os mandamentos são uma explicitação do primeiro. Os outros artigos fazem-nos conhecer melhor a Deus, tal como Ele progressivamente Se revelou aos homens. «Os fiéis professam, antes de mais nada, crer em Deus» (CatRom I,2,6, p.23).



I. «Creio em um só Deus»

200. É com estas palavras que começa o Símbolo Niceno-Constantinopolitano. A confissão da unicidade de Deus, que radica na Revelação divina da Antiga Aliança, é inseparável da confissão da existência de Deus e tão fundamental como ela. Deus é único; não há senão um só Deus: «A fé cristã crê e professa que há um só Deus, por natureza, por substância e por essência» (CatRom I,2,8, p.26).

201. A Israel, seu povo eleito, Deus revelou-Se como sendo único: «Escuta, Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6,4-5). Por meio dos profetas, Deus faz apelo a Israel e a todas as nações para que se voltem para Ele, o Único: «Voltai-vos para Mim, e sereis salvos, todos os confins da terra, porque Eu sou Deus e não há outro [...] Diante de Mim se hão de dobrar todos os joelhos, em Meu nome hão de jurar todas as línguas. E dirão: "Só no Senhor existem a justiça e o poder"» (Is 45,22-24; Cf. Fl 2,10-11).

202. O próprio Jesus confirma que Deus é «o único Senhor», e que é necessário amá-Lo «com todo o coração, com toda a alma, com todo o entendimento e com todas as forças» (cf. Mc 12,29-30). Ao mesmo tempo, dá a entender que Ele próprio é «o Senhor» (cf. Mc 12,35-37). Confessar que «Jesus é o Senhor» é próprio da fé cristã. Isso não vai contra a fé num Deus Único. Do mesmo modo, crer no Espírito Santo, «que é Senhor e dá a Vida», não introduz qualquer espécie de divisão no Deus único:

«Nós acreditamos com firmeza e afirmamos simplesmente que há um só Deus verdadeiro, imenso e imutável, incompreensível, todo-poderoso e inefável. Pai e Filho e Espírito Santo: três Pessoas, mas uma só essência, uma só substância ou natureza absolutamente simples» (IV Concílio de Latrão, Cap. 1. *De fide catholica*: DS 800).

II. Deus revela o seu nome

203. Deus revelou-Se ao seu povo Israel, dando-lhe a conhecer o seu nome. O nome exprime a essência, a identidade da pessoa e o sentido da sua vida. Deus tem um nome. Não é uma força anônima. Dizer o seu nome é dar-Se a conhecer aos outros; é, de certo modo, entregar-Se a Si próprio, tornando-Se acessível, capaz de ser conhecido mais intimamente e de ser invocado pessoalmente.

204. Deus revelou-Se progressivamente e sob diversos nomes ao seu povo; mas foi a revelação do nome divino feita a Moisés na teofania da sarça ardente, no limiar do êxodo e da Aliança do Sinai, que se impôs como sendo a revelação fundamental, tanto para a Antiga como para a Nova Aliança.



O DEUS VIVO

205. Do meio duma sarça que arde sem se consumir, Deus chama por Moisés. E diz-lhe: «Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó» (Ex 3,6). Deus é o Deus dos antepassados, Aquele que tinha chamado e guiado os patriarcas nas suas peregrinações. É o Deus fiel e compassivo, que se lembra deles e das promessas que lhes fez. Ele vem para libertar da escravidão os seus descendentes. É o Deus que, para além do espaço e do tempo, pode e quer fazê-lo, e empenhará a Sua onipotência na concretização deste desígnio.

«EU SOU AQUELE QUE SOU»

Moisés disse a Deus: «Vou então procurar os filhos de Israel e dizer-lhes: “O Deus de vossos pais enviou-me a vós”. Mas se me perguntarem qual é o seu nome, que hei de responder-lhes? Deus disse a Moisés: «Eu sou Aquele que sou». E prosseguiu: «Assim falarás aos filhos de Israel: Aquele que tem por nome “Eu sou” é que me enviou a vós [...] Será este o meu nome para sempre, nome que ficará de memória para todas as gerações» (Ex 3,13-15).



206. Ao revelar o seu nome misterioso de YHWH, «Eu sou Aquele que É», ou «Eu sou Aquele que Sou», ou ainda «Eu sou quem Eu sou», Deus diz Quem é e com que nome deve ser chamado. Este nome divino é misterioso, tal como Deus é mistério. E, ao mesmo tempo, um nome revelado e como que a recusa dum nome. É assim que Deus exprime melhor o que Ele é, infinitamente acima de tudo o que podemos compreender ou dizer: Ele é o «Deus escondido» (Is 45,15), o seu nome é inefável (cf. Jz 13,1), e é o Deus que Se faz próximo dos homens.

207. Ao revelar o seu nome, Deus revela ao mesmo tempo a sua fidelidade, que é de sempre e para sempre, válida tanto para o passado («Eu sou o Deus de teu pai» Ex 3,6), como para o futuro («Eu estarei contigo» Ex 3,12). Deus, que revela o seu nome como

sendo «Eu sou», revela-Se como o Deus que está sempre presente junto do seu povo para o salvar.

208. Perante a presença atraente e misteriosa de Deus, o homem descobre a sua pequenez. Diante da sarça ardente, Moisés descalça as sandálias e cobre o rosto face à santidade divina (cf. Ex 3,5-6). Ante a glória do Deus três vezes santo, Isaías exclama: «Ai de mim, que estou perdido, pois sou um homem de lábios impuros» (Is 6,5). Perante os sinais divinos realizados por Jesus. Pedro exclama: «Afasta-Te de mim, Senhor, porque eu sou um pecador» (Lc 5,8). Mas porque Deus é santo, pode perdoar ao homem que se descobre pecador diante d'Ele: «Não deixarei arder a minha indignação [...]. É que Eu sou Deus, e não homem, o Santo que está no meio de vós» (Os 11,9). E o apóstolo João dirá também: «Tranquilizaremos diante d'Ele, o nosso coração, se o nosso coração vier a acusar-nos. Pois Deus é maior do que o nosso coração e conhece todas as coisas» (1Jo 3,19-20).

209. Por respeito pela santidade de Deus, o povo de Israel não pronuncia o seu nome. Na leitura da Sagrada Escritura, o nome revelado é substituído pelo título divino de «Senhor» («Adonai», em grego «Kyrios»). É sob este título que será aclamada a divindade de Jesus: «Jesus é o Senhor».



«DEUS DE TERNURA E DE PIEDADE»

210. Depois do pecado de Israel, que se afastou de Deus para adorar o bezerro de ouro (cf. Ex 32), Deus atende a intercessão de Moisés e aceita caminhar no meio dum povo infiel, manifestando deste modo o seu amor (cf. Ex 33,12-17). A Moisés, que Lhe pede a graça de ver a sua glória. Deus responde: «Farei passar diante de ti toda a minha bondade (beleza) e proclamarei diante de ti o nome de YHWH» (Ex 33,18-19). E o Senhor passa diante de Moisés e proclama: «O Senhor, o Senhor [YHWH, YHWH] é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade» (Ex 34,6). Moisés confessa, então, que o Senhor é um Deus de perdão» (cf. Ex 34,9).

211. O nome divino «Eu sou» ou «Ele é» exprime a fidelidade de Deus, que, apesar da infidelidade do pecado dos homens e do castigo que merece, «conserva a sua benevolência em favor de milhares de pessoas» (Ex 34,7). Deus revela que é «rico de misericórdia» (Ef 2,4), ao ponto de entregar o seu próprio Filho. Dando a vida para nos

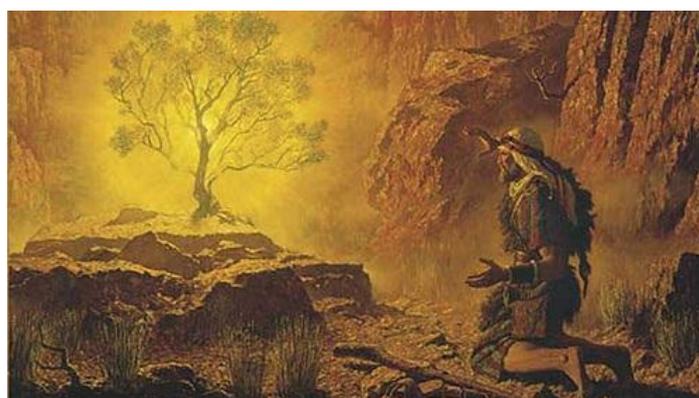
libertar do pecado, Jesus revelará que Ele mesmo é portador do nome divino: «Quando elevardes o Filho do Homem, então sabereis que *Eu sou*» (Jo 8,28).



SÓ DEUS É

212. No decorrer dos séculos, a fé de Israel pôde desenvolver e aprofundar as riquezas contidas na revelação do nome divino. Deus é único, fora d'Ele não há deuses (cf. Is 44,6). Ele transcende o mundo e a história. Foi Ele que fez o céu e a terra; «eles hão de passar, mas Vós permaneceis; tal como um vestido, eles se vão gastando [...] Vós, porém, sois sempre o mesmo e os vossos anos não têm fim» (Sl 102,27-28). N'Ele «não há variação nem sombra de mudança» (Tg 1,17). Ele é «Aquele que é», desde sempre e para sempre; e assim, permanece sempre fiel a Si mesmo e às suas promessas.

213. A revelação do nome inefável «Eu sou Aquele que sou» encerra, portanto, a verdade que só Deus «É». Foi nesse sentido que já a tradução dos Setenta e, na sua sequência, a Tradição da Igreja. Compreenderam o nome divino: Deus é a plenitude do Ser e de toda a perfeição, sem princípio nem fim. Enquanto todas as criaturas d'Ele receberam todo o ser e o ter, só Ele é o seu próprio Ser, e Ele é por Si mesmo tudo o que Ele é.





REVISANDO TEMAS

1. O nome de Deus é misterioso

A fé em Deus não é o resultado da evolução do pensamento humano que, por um movimento contínuo de ascensão, parte das realidades mundanas e chega até Deus. Para crer em Deus, para chegar a crer no Pai e no Filho e no Espírito Santo, é preciso partir do que o próprio Deus revelou de si mesmo em Cristo.

O que o cristão crê e conhece de Deus se baseia no fato de que Deus mesmo tomou a iniciativa de se dar a conhecer. A fé cristã só é possível porque Jesus veio ao mundo e nos deu a conhecer sua glória de Filho único do Pai. Ele revelou o Deus que habita em luz inacessível, que não conhecíamos nem podíamos conhecer (cf. 1Tm 6,16; Ex 33,20). Jesus revela Deus fazendo-nos participar de sua vida, dando-nos de sua própria plenitude, comunicando-nos sua graça e verdade (cf. Jo 1,14.16-18). Ele não nos comunica “verdades”. Ele nos revela e nos comunica a si mesmo. A revelação de Jesus é autorrevelação e *autocomunicação*.

Mas é preciso entender bem o significado da autorrevelação divina: Deus é mistério não somente por causa da limitação e finitude do ser humano. Deus não é somente misterioso **para** o ser humano; Ele o é **em si mesmo**. Por isso não devemos pensar que a autocomunicação de Deus atenua de alguma maneira a profundidade do mistério imperscrutável de Deus. Quanto maior é a proximidade de Deus, maior ainda é a possibilidade de constatar a sua grandeza imperscrutável. Quanto mais Deus se revela, maior ainda é o seu mistério, não o inverso! Maior é a revelação, maior é o saber do não saber, porque ela nos coloca diante da imensa grandeza de Deus. Isso não apesar da proximidade de Deus, mas por causa dela.

O que se sabe de Deus, sabe-se enquanto incompreensível. “Quanto mais cresce o conhecimento do mistério, mais inexaurível se nos apresenta a sua riqueza e profundidade, mais avulta, mais operoso e fecundo se revela o silêncio” (B. FORTE, *A Trindade como história. Ensaio sobre o Deus Cristão*, Paulinas, 1987, p. 21).

Na revelação cristã, transcendência e proximidade de Deus ao ser humano não devem ser colocados em contradição: o mistério de Cristo, que nos revela o Pai, nos coloca diante da expressão do mistério insondável de Deus que, paradoxalmente, se pode fazer mais próximo de nós quanto maior for sua transcendência.

A revelação de Deus não dilui o seu mistério, mas o afirma. O encobrimento de Deus é o encobrimento na sua revelação: o *Deus conhecido* é o *Deus escondido*. Em relação à Trindade, falar de encobrimento não significa o contrário da sua revelação. A máxima manifestação de Deus Amor se dá exatamente no momento em que a glória divina se encobre no despojamento da paixão e da morte de Jesus na cruz. Assim o encobrimento de Deus é o encobrimento de sua glória na paixão e morte de Jesus, que é a máxima

manifestação do amor de Deus aos homens. O fato de que Deus enviou seu Filho ao mundo, entregando-o à morte, manifesta o mistério de *Deus sempre maior*.

Para você aprofundar e refletir

Mistério não é tanto um caminho interrompido da indagação humana quanto o velado fazer-se presente do Deus maior, o oferecer-se da Glória sob os sempre opacos sinais da história. Mistério não é o silêncio da incapacidade humana de dizer (...); o mistério é a Palavra divina que se faz presente aos homens nas palavras e nos acontecimentos da história da salvação. Entendida assim, a experiência do mistério comporta uma irreduzível dialética de escondimento e de revelação: nas suas obras Deus se manifesta, mas não se deixa aprisionar; ele está ‘lá’, e, no entanto, está sempre ‘além’, maior do que a mediação do evento ou da palavra com que se comunicou ao homem. Revelando-se, Deus se vela; comunicando-se, oculta-se; avizinhandando-se, afasta-se. E ao mesmo tempo velando-se, dá-se a conhecer; ocultando-se, manifesta-se; afastando-se, avizinha-se” (B. FORTE, *A Trindade como história. Ensaio sobre o Deus Cristão*, Paulinas, 1987, p. 89-90).

2. Unidade e Trindade

A visão cristã de Deus tem uma grande originalidade. Mas essa originalidade não significa que nada podemos saber de Deus fora da revelação cristã. A plenitude da revelação não é quantitativa, mas qualitativa; não é extensiva, mas intensiva. A própria fé reconhece que a revelação do AT é parte integrante da mensagem cristã, mesmo sem negar que ela receba o seu sentido definitivo em Jesus Cristo.

Uma longa tradição cristã afirma que nas tradições religiosas se encontram sementes do Verbo e a presença ativa do Espírito. Também os documentos do Magistério reafirmam a possibilidade de um conhecimento de Deus a partir das obras da criação (cf. Sb 13,1-9; Rm 1,19-23) o que pode levar à certeza da sua existência (DS 3004).

O documento *Nostra Aetate* afirma que a Igreja não rejeita nada do que há de verdadeiro e santo nas religiões e, por isso, exorta os cristãos a reconhecer, manter e desenvolver os bens espirituais e morais e os valores socioculturais que nelas estão presentes.

Para você ler e aprofundar:

A Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões. Considera ela com sincera atenção aqueles modos de agir e viver, aqueles preceitos e doutrinas. Se bem que em muitos pontos estejam em desacordo com os que ela mesma tem e anuncia, não raro, contudo, refletem lampejos daquela Verdade que ilumina a todos os homens. Anuncia e vê-se ela de fato obrigada a anunciar incessantemente o Cristo que é “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), no qual todos os homens possam encontrar a plenitude de vida religiosa e no qual Deus tudo reconciliou a Si. Exorta por isso seus filhos a que, com prudência e amor, através do diálogo e da colaboração com os seguidores de outras religiões, testemunhando sempre a fé e vida cristãs, reconheçam, mantenham e desenvolvam os bens espirituais e morais, como também os valores socioculturais que entre eles se encontram (NA 2).

O cristianismo é uma religião monoteísta ao lado do judaísmo e do islamismo. Mas o monoteísmo cristão não pode ser identificado pura e simplesmente a essas grandes tradições monoteístas. A unidade última de Deus, a maior que podemos pensar, é em si

mesma plural, tri-pessoal. O Deus que se revela em Jesus é o Deus Uno e Trino. A doutrina da unidade divina na Trindade e da Trindade na unidade, que a Igreja elaborou, é consequência direta do Deus que Jesus nos deu a conhecer e em cuja comunhão somos introduzidos pelo Espírito derramado em nossos corações. A unidade de Deus não é um apêndice ou uma questão secundária da fé. Pelo contrário, estamos diante do seu núcleo mais profundo.

Atenção. As respostas das perguntas da introdução podem ser encontradas no Compendio do Catecismo da Igreja Católica, perguntas 36-40.

http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html